

ARTIGO

Julgamentos de gramaticalidade na pesquisa, no ensino e na extensão popularizando a metodologia da análise gerativa na formação (continuada) de professores

Aquiles Tescari Neto ^{1*}
Giovanna Santos Pereira ²

¹ Departamento de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: tescari@unicamp.br

² Departamento de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: giovannassap@gmail.com

* autor correspondente

RESUMO

Desenvolver, de maneira harmoniosa e integrada, atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária é a vocação primeira da universidade pública brasileira. O artigo ilustra tal possibilidade a partir das atividades de pesquisa, ensino e extensão promovidas pelo *LaCaSa – Laboratório de Cartografia Sintática: Pesquisa e Ensino*, um dos grupos de pesquisa do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Nosso objetivo principal aqui é argumentar que a integração dessas três atividades-pilares do ensino superior público no país é possível se se levar em conta aspectos da pesquisa mesma desenvolvida pela instituição universitária, o que é feito, em nosso caso, através da metodologia de investigação que guia as pesquisas de nosso laboratório, nomeadamente a metodologia da gramática Gerativa, que tem, nos julgamentos de gramaticalidade, o seu principal expediente metodológico. Tal expediente é explicado a partir de exemplos de frases do português. Argumentamos que esse mesmo expediente utilizado na pesquisa pode ser implementado no ensino – em disciplinas que envolvem análise linguística na graduação – e na extensão universitária. Em relação a essa última atividade, a extensão, discutimos a metodologia utilizada junto a professores da educação básica no curso “Sintaxe e a Formação do Professor de Português”, que o laboratório oferece junto à EXTECAMP, a Escola de Extensão da UNICAMP. Apresentamos exemplos de como uma análise sintática pode ser trabalhada à luz de uma metodologia científica não só na extensão como também – pelos professores extensionistas – na educação básica. O corolário dessa integração – via metodologia de análise – das atividades de extensão (e ensino) com as de pesquisa é a harmonização da metodologia de pesquisa que guia a investigação desenvolvida pelos membros do laboratório com a metodologia utilizada no curso de extensão, metodologia esta que pode ser facilmente implementada nas aulas de gramática na educação básica.

PALAVRAS-CHAVE

Extensão universitária; Formação continuada; Gramática gerativa; Julgamentos de gramaticalidade; Curso de extensão.

Grammaticality judgments in research, teaching and community engagement how to popularize the methodology of the generative analysis in the (on-going) teaching formation

ABSTRACT

Developing teaching, research and community engagement in a harmonious and integrated way is the main goal of the public university institution in Brazil. The paper explores such a possibility based on the research, teaching and community engagement activities promoted by *LaCaSa - the Syntactic Cartography Lab: Research and Teaching*, one of the research groups of the Institute of Language Studies at the University of Campinas, UNICAMP. Our main goal here is to argue that the integration of these three fundamental activities of the public higher education in the country is possible if one takes into account some aspects of the same research developed by the university institution. In our

case, that is done through the methodology guiding the research activities of our laboratory, namely the methodology of Generative grammar. This methodology has, in the grammaticality judgments, its main methodological tool. This tool is illustrated on the basis of Portuguese sentences. We argue that such a methodological device used in research can be implemented in teaching—in courses involving linguistic analysis in undergraduate levels—and in community engagement programs. Regarding this last activity, we discuss the methodology presented to basic education teachers in the “Syntax and the Portuguese Teacher Training” course. This course is offered by the LaCaSa lab in the set of community engagement courses led by EXTECAMP, the UNICAMP Extension School. We offer some samples illustrating how a syntactic analysis can be worked out in light of a scientific methodology not only in the course offered to the community but also in basic education. The corollary of this integration—through the methodological tool of the linguistic research—of community engagement (and teaching) activities with research activities is the harmonization of the methodology guiding the research developed by the members of the laboratory with the methodology used in the community engagement course, which can be easily implemented in grammar classes in basic education.

KEYWORDS

Community engagement; On-going formation; Generative grammar; Grammaticality judgments; Community engagement course.

Submetido em: 01/09/2020 – **Aprovado em:** 06/04/2021 – **Publicado em:** 19/04/2021

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

1 INTRODUÇÃO

A formação (continuada) de professores de português desenvolvida pelo curso de extensão "Sintaxe e a formação do professor de português" (SFPP), ministrado pelos membros do *LaCaSa - Laboratório de Cartografia Sintática: Pesquisa e Ensino*, no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP – no conjunto das atividades extensionistas do laboratório junto à EXTECAMP, a Escola de Extensão da UNICAMP –, visa a oferecer uma atualização docente quanto às metodologias de teorias linguísticas, sobretudo a Gramática Gerativa.¹ Mediante a discussão de tópicos gramaticais abordados nas aulas de português, o curso problematiza visões sobre a prática de análise gramatical na Educação Básica (EB) – na qual, muitas vezes, ainda predomina uma concepção estática de língua e a crença – muito disseminada no senso comum – de que tópicos gramaticais sejam alheios aos estudantes. Considerando que a Linguística só veio a integrar a formação dos estudantes de Letras das universidades brasileiras a partir da década de 60 (Ilari, s.d.) e que, com o passar dos anos, o resultado dessas pesquisas impactou a sociedade, especialmente no âmbito educacional, o curso proporciona uma educação linguística efetuada por uma perspectiva científica, através de procedimentos metodológicos, como formulação de hipóteses e raciocínio inferencial sobre dados linguísticos. A partir da popularização da metodologia científica de análise linguística, o aluno desenvolve suas habilidades linguísticas (como interpretação e produção de enunciados) e sua capacidade de reflexão sobre a própria língua (Pires de Oliveira; Quarezemin, 2016; Tescari Neto, 2017; 2018).

A defesa de uma educação linguística como a proposta no curso SFPP implica a formação do professor de português a partir do pressuposto de que o estudante já carrega consigo um conhecimento linguístico

¹ <https://is.gd/sintaxe2019> [Acesso em 30 de agosto de 2020]

inato e internalizado. Pela perspectiva da Teoria Gerativa – idealizada pelo linguista norte-americano Noam Chomsky ainda nos anos cinquenta –, a língua é um estado mental individual, produto de uma capacidade linguística biológica (a Faculdade da Linguagem, caracterizada, em seu estágio inicial, pela Gramática Universal)² (Chomsky, 1986; 1994). Por volta dos sete anos (aproximadamente), a criança já terá adquirido as "regras" da língua a que foi exposta na infância; logo, caberá ao professor de português oferecer ferramentas que explicitem ao aluno seu conhecimento gramatical internalizado. Uma dessas ferramentas, em especial, é de cunho metodológico: trata-se do *método negativo*, metodologia de investigação que utiliza o julgamento de gramaticalidade (JG) do falante. Nela, a delimitação de uma unidade linguística se dá pela avaliação do falante de frases bem/mal formadas. Partindo-se de um *dado negativo*, aquele que não é realizado, é possível aferir a gramática desse falante, analisando o que não é possível em vista das restrições impostas pela Gramática Universal. Qualquer falante de português sabe, mesmo sem acessar a educação formal, que "João riu Maria", por exemplo, não é uma frase possível dessa língua (Pires de Oliveira, 2010). Por que certas frases são "bloqueadas" pela (gramática da) língua? Essa investigação introspectiva permite, mediante formulação e testagem de hipóteses, entender a gramática dos indivíduos. Ao importar tal abordagem científica para sua sala de aula, o docente recupera a autoestima linguística dos alunos enquanto combate a insegurança e até mesmo repulsa à gramática, predominantes na maior parte do alunado (Ilari, op.cit.; Pires de Oliveira; Quarezemin, 2016).

Os cursos de extensão são um ponto de conexão fundamental da Universidade com a sociedade; segundo consta em documento da Escola de Extensão da Unicamp³, há ganho para ambas as partes: por um lado, a sociedade se beneficia da transferência de conhecimentos da Universidade para um amplo conjunto de atores; por outro, a Universidade se beneficia da pluralidade de vozes e visões com as quais tem contato, enriquecendo o trabalho dos docentes pesquisadores. Nesse contexto, o tripé formado pelo ensino, pesquisa e extensão são indissociáveis nas ações do curso SFPP. Conforme orientam os Projetos Pedagógicos do curso de Licenciatura em Letras e o do curso de Bacharelado em Linguística – ambos oferecidos pelo IEL/UNICAMP –, é compromisso social do linguista articular seu trabalho científico a ações voltadas à sociedade, como o combate de discriminações linguístico-culturais, assim como a valorização do patrimônio linguístico. Em suas atividades, o *LaCaSa* promove um trabalho harmonioso que considera esses pilares concomitante e indissociavelmente. Com as pesquisas realizadas no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/UNICAMP), gera-se conhecimento que pode ser veiculado nas atividades de ensino da própria instituição e nas atividades de extensão, com vistas a oferecer ações positivas para a comunidade: o incentivo de uma educação linguística

² Para Chomsky, a Gramática Universal seria o estado inicial da "Faculdade da Linguagem", um órgão da mente/cérebro específico da espécie humana e dedicado à produção e processamento gramaticais. A ideia sobre a existência de uma gramática de base e comum a todas as línguas – a "Gramática Universal" – remonta ao século XIII, em que Roger Bacon pontuava que "A gramática é, em sua essência, uma e a mesma em todas as línguas, mesmo que difira em aspectos superficiais." (R. Bacon, cit. in Moro (2017), p. 209-210.

³ <https://www.extecamp.unicamp.br/historiaextecamp.asp> [Acesso em 31 de agosto de 2020]

reflexiva e científica, que transforma os estudantes em protagonistas de seu próprio aprendizado e, os docentes, em constantes pesquisadores de sua prática (Bortoni-Ricardo, 2008).

Este trabalho busca refletir sobre o lugar da teoria gramatical nas aulas de português tanto na formação (continuada) de professores quanto na EB, com vistas a popularizar a metodologia gerativa de análise linguística, que está na base das atividades do LaCaSa no ensino, na pesquisa e na extensão. A partir do expediente metodológico dos JGs, o trabalho tenta ilustrar como este ferramental tem relevância não apenas no reconhecimento de unidades linguísticas por parte do falante, como também no ensino de português e na formação continuada do professor de português (em nossas atividades extensionistas junto à EXTECAMP). Busca-se, então, mostrar a importância da metodologia gerativista para além do fazer científico do sintaticista, a fim de que se dissemine, pelo ensino e pela extensão, uma reflexão crítica e científica acerca da língua.

2 MÉTODOS

O projeto de pesquisa e plano de atividades apresentados pelo primeiro autor para a sua contratação em RDIDP⁴ pelo Departamento de Linguística do IEL/UNICAMP, na área de “Teorias Linguísticas e Ensino de Língua Portuguesa”, previa um conjunto de atividades que, de maneira integrada, contemplassem o ensino, a pesquisa e a extensão. Tal integração seria feita a partir do próprio projeto de pesquisa (Tescari Neto, 2015) acerca das categorias gramaticais da frase, i.e., dos elementos da língua que não fazem referência a noções do universo biopsicofisicossocial (como “cachorro”, “estresse”, “raio”, “onda”, “isolamento”, “COVID-19”, etc.), mas a noções da própria gramática da língua (como os artigos definidos (“o(s)”, “a(s)”) e indefinidos (“um(s)”, “uma(s)”), as conjunções (“mas”, “porém”, “contudo”, etc.), etc).

Para unir as atividades universitárias de pesquisa, extensão e ensino em torno de um eixo comum, o LaCaSa, criado pelo primeiro autor e por seus orientandos de pós-graduação e de graduação, tem recorrido, inclusive nas atividades de extensão (nos cursos de formação continuada que oferece), à metodologia da Gramática Gerativa – fazendo jus, portanto, ao que havia sido proposto no projeto apresentado para contratação em RDIDP, mencionado anteriormente. Assim, no curso SFPP, buscamos favorecer uma atividade de formação continuada que leve em conta, como estratégia fundamental, uma associação dos conteúdos programáticos desenvolvidos à metodologia típica de análise da Gramática Gerativa, baseada nos JGs. A discussão a seguir sobre os exemplos (1-5) dá uma ideia desse expediente.

- (1) Ettore brincou com Gigi.
- (2) Com Gigi, Ettore brincou.
- (3) *Brincou com Gigi Ettore.

⁴ Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa. Corresponde ao regime de DE (dedicção exclusiva) de universidades federais nacionais.

- (4) *Ettore brincou Gigi com.
- (5) *Ettore Gigi com brincou.

(1-5) ilustram algumas possibilidades de combinação entre os elementos “Ettore”, “brincou”, “com” e “Gigi”. Em tese, teríamos 4! ($4 \times 3 \times 2 \times 1 = 24$) de possibilidades matemáticas de combinação, i.e., 24 combinações possíveis. Contudo, para ilustrar o expediente metodológico, servem-nos as ordenações em (1-5). As duas únicas ocorrências bem formadas em (1-5) em português brasileiro (PB) são (1) e (2). Dizemos que tais frases são *gramaticais*: falantes de PB podem produzi-las. (3-5) sequer podem ser produzidas. São, portanto, *agramaticais*, isto é, malformadas. Aqui não se confunde gramaticalidade (i.e., condições para geração de frases naturalmente, independentemente de instrução escolar) com correção (i.e., juízos de valor sobre a forma produzida/possível a ser empregada em tal e tal contexto). Para deixar esse ponto mais claro, consideremos as frases em (6-7):

- (6) Ettore e Gigi foram ao cinema.
- (7) Ettore e Gigi foi no cinema.

As frases em (6) e (7) são ambas gramaticais, uma vez que são geráveis por falantes do PB. Obviamente, (7) é estigmatizada socialmente por corresponder a uma variante popular, típica em contextos não formais e com tendência de emergência sobretudo junto a indivíduos com pouca escolarização. Diferentemente da correção – que envolve, portanto, um trabalho apreciativo a respeito das formas “eleitas” como representativas da “norma gramatical” –, o JG não envolve critérios sociais ou estilísticos, mas tão somente critérios puramente gramaticais. Tal procedimento metodológico permite obter informações sobre o conhecimento internalizado que o falante tem a respeito da gramática de sua própria língua, gramática aqui entendida como conjunto de regras que o falante efetivamente domina e que foram adquiridas nos seus primeiros anos de vida a partir da exposição natural a uma ou mais línguas.

Tal expediente metodológico – o dos JGs – tem sido, na verdade, considerado um “experimento” pelo fundador da Gramática Gerativa, Noam Chomsky, que chega mesmo a dizer que os JGs são

tipos de evidência que são, de momento, informativos e aos quais se tem acesso facilmente – trata-se, em grande parte, dos juízos dos falantes nativos. Cada um desses juízos é de facto o resultado de uma experiência [“experimento”] que, embora de desenho experimental pobre, é rica na evidência que fornece. Na prática, tendemos a operar com base na assunção – ou na aspiração – de que esses juízos dos informantes nos fornecem evidência directa quanto à estrutura da língua-l. (...) (Chomsky, 1994, p. 54)

Os JGs são, então, “experimentos” que permitem ao analista ter acesso às ocorrências que a gramática internalizada do informante pode ou não gerar. Tal metodologia permite o acesso ao dado agramatical, àquilo que o sistema gramatical não pode sequer gerar. Em nossas pesquisas sobre a gramática das línguas,

é deste expediente metodológico que nos valemos.⁵ Utilizamo-lo também no curso SFPP, ministrado junto à EXTECAMP, na expectativa de que os professores extensionistas também se valham deste recurso em suas aulas de análise linguística na EB.

Tal metodologia vai ao encontro do que propõem as orientações oficiais. Os PCNs sugerem que o ensino da gramática tenha, como pontapé inicial, uma reflexão cuidadosa sobre os fatos linguísticos, reflexão esta que a metodologia pautada em JGs pode proporcionar: “O modo de ensinar, por sua vez, não reproduz a clássica metodologia de definição, classificação e exercitação, mas corresponde a uma prática que parte da reflexão produzida pelos alunos mediante a utilização de uma terminologia simples e se aproxima, progressivamente, pela mediação do professor, do conhecimento gramatical produzido.” (Brasil, 1998, p. 29). Também a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), endossa o ponto de vista da importância do ensino reflexivo da gramática o que, sem dúvidas, pode ser feito a partir de uma metodologia pautada em JGs – não obstante o fato de essa metodologia não ser mencionada na BNCC:

Os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas. A seleção de habilidades na BNCC está relacionada com aqueles conhecimentos fundamentais para que o estudante possa apropriar-se do sistema linguístico que organiza o português brasileiro.” (Brasil, 2018, p. 137)

Assim, o emprego metodológico dos JGs contribui para a análise e fenômenos linguísticos tanto nas pesquisas que os membros do LaCaSa desenvolvem como também no ensino (em disciplinas da Graduação em Licenciatura em Letras e Bacharelado em Linguística – como HL-071 e HL-804) e extensão (no curso SFPP). A seção seguinte detalha como isso tem sido e pode ser feito na prática.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme apontado na seção introdutória, este trabalho tem como objetivo incentivar a popularização de uma didática da língua que considere uma reflexão científica acerca dos aspectos gramaticais – centrada, sobretudo, nos JGs – tanto na aula de português na EB quanto na formação e atualização de professores de português. A partir de sua prática extensionista, o LaCaSa busca elaborar atividades que se valem da metodologia gerativista de análise linguística para serem desenvolvidas, em primeira instância, junto aos professores participantes do SFPP e que podem ser replicadas no contexto prático de sala de aula na EB.

A atividade desenvolvida pelo LaCaSa com os professores de português no curso SFPP tem analisado criticamente a proposta dos documentos oficiais de que o texto deve ser o ponto de partida para as atividades de ensino de português. Dizemos “criticamente” porque se, por um lado, é louvável a recomendação, pelos PCNs, de metodologias que integrem harmoniosamente as atividades de leitura,

⁵ De fato, vários autores sugerem o uso mesmo desta metodologia nas aulas de gramática na Educação Básica (cf. dentre outros, Pires de Oliveira e Quarezemin, 2016; Tescari Neto, 2017, 2020; Perigrino, 2020).

produção (de textos orais e escritos) e análise linguística, por outro, já não são nada louváveis interpretações que tentem, de alguma forma, minimizar ou até mesmo relativizar o papel da gramática/análise linguística no ensino de português. Sendo assim, o curso SFPP propicia uma formação que (i) valoriza a divulgação e exposição de uma metodologia científica – os JGs (típicos da análise linguística) – nas ações extensionistas, (ii) encoraja os professores extensionistas a se valerem de tal metodologia em suas aulas na EB, (iii) propicia uma reflexão sobre como tal metodologia também pode ser posta em uso na produção de textos dos mais diferentes gêneros.

Nesse contexto, então, da problematização do texto como ponto de partida para as práticas em sala de aula, considerando a gama de gêneros disponíveis e em vista da especificidade da metodologia pautada em JGs, as manchetes jornalísticas têm sido cuidadosamente selecionadas para a prática da análise linguística pela seguinte razão: as manchetes encerram em si um gênero textual ao mesmo tempo em que correspondem à unidade de análise à qual JGs podem ser dados, nomeadamente a frase (Tescari Neto, 2017).

Para a execução da atividade, manchetes jornalísticas digitais com ambiguidades estruturais foram selecionadas para compor o *corpus*. Desenvolvida para uma aula sobre classificação dos constituintes em funções sintáticas, essa atividade foi pensada como complementar ao trabalho com o livro didático, sem jamais excluí-lo ou substituí-lo no contexto de sala de aula. Antes, porém, de apresentar a atividade desenvolvida, cabe uma apresentação de alguns “testes” que podem ser utilizados como recursos para detectar, numa expressão, os grupos de palavras (chamemo-los aqui “constituintes”, o termo técnico em teoria sintática).

Um primeiro teste é o do “movimento”. Tomemos a frase em (6), acima (“Ettore e Gigi foram ao cinema”). Podemos mover, p.ex., o circunstancial “ao cinema” para o começo da frase, como em (6’), ou mesmo deslocar “ao cinema” e “ensanduichá-lo” em uma estrutura especial, a clivagem (em 6’’):

(6’) Ao cinema, Ettore e Gigi foram.

(6’’) Foi ao cinema que Ettore e Gigi foram.

Os “testes” em (6’ e 6’’) servem para identificar constituintes de uma expressão ou frase. Vamos mostrar, na sequência, que podem também ser usados para desambiguar frases. Nas aulas do SFPP, os professores, divididos em grupos, foram expostos a manchetes ambíguas e foi solicitado que identificassem o maior número possível de sentidos envolvidos em cada manchete. Os sentidos encontrados foram recolhidos e expostos no quadro para que os achados fossem compartilhados. Em seguida, deu-se a realização dos testes sintáticos para separar as interpretações possíveis e, por fim, identificou-se a função sintática dos constituintes diretamente envolvidos na ambiguidade. A fig. 1 ilustra uma das manchetes discutidas, cuja análise aparece em Tescari Neto (2018).

Figura 1. Manchete jornalística ambígua



Fonte: G1, Rio de Janeiro, 09/02/2012

A frase encontrada na manchete do G1 tem, pelo menos, três interpretações distintas:

i) Numa primeira interpretação, o constituinte “em gravação” parece modificar a frase principal, associando-se a “afirma”. Essa leitura parece ser facilitada pelo deslocamento de “em gravação” para o início da frase, o que favoreceria apenas essa leitura:

(8) *Em gravação*, deputado afirma que falou com bombeiro preso.

Cabe, agora, classificar a função sintática do constituinte diretamente envolvido na ambiguidade, de acordo com a terminologia da gramática tradicional. A classificação do adjunto “em gravação” pode parecer, à primeira vista, problemática: trata-se de um adjunto adverbial de tempo ou de um adjunto de espaço? Diante desse cenário, o professor tem um “gancho” produtivo para questionar a classificação tradicional e, conseqüentemente, criar novas classificações junto a seus alunos; tratar-se-ia aí de um adjunto adverbial de “situação”, por envolver um imbricamento das noções de tempo e espaço? Essa é uma questão importante que uma análise sintática crítica (Tescari Neto, 2020) tem de considerar.

ii) Numa segunda interpretação, o constituinte “em gravação” estaria associado a “falou”, o verbo da frase subordinada. Para desambiguar a manchete, em proveito dessa leitura, parece mais adequado deslocar o adjunto adverbial para bem próximo do verbo “falou”:

(8') Deputado afirma que (*em gravação*,) falou (*em gravação*,) com bombeiro preso.

Nesse caso, para a classificação sintática, o adjunto “em gravação” parece se aproximar da interpretação anterior (i): trata-se também de um adjunto de situação, classe que não figura nos esquemas tradicionais.

iii) Numa terceira interpretação, o constituinte “em gravação” parece se associar a “bombeiro preso”. O único jeito de desambiguar a sentença em favor dessa interpretação, sem com isso perder em termos

informativos, seria deslocando o pedaço todo para o início da frase, preferencialmente através da clivagem:

(8'') Foi com bombeiro preso em gravação que deputado afirma que falou.

Nessa interpretação, a função sintática de “em gravação” seria a de adjunto adnominal de “preso”.

Ao fim da atividade, nota-se quão produtivo é recorrer à ambiguidade estrutural, especialmente para questionar os esquemas de classificação de funções sintáticas, no sentido de problematizar os limites do tratamento dos livros didáticos à classificação das funções sintáticas. Os testes propostos, por envolverem JGs – a metodologia detalhada na seção 2 – são recursos que permitem, tanto no curso de formação continuada, quanto na sala de aula (nas ações pós-extensionistas dos professores, já no seio da aula de gramática junto a seus alunos), não só determinar com precisão os elementos envolvidos na ambiguidade como também eliminar, caso se queira, a ambiguidade da frase. É por meio de atividades como esta, com a tomada explícita de conhecimento sobre as estruturas da língua, que os sujeitos têm um acesso ao exercício pleno de sua cidadania, conforme orientam os documentos oficiais.

Falar sobre atividades extensionistas no contexto universitário implica naturalmente falar também sobre os impactos que tais atividades têm *na* e *para a* vida da comunidade – beneficiada pelas ações extensionistas –. O LaCaSa, por meio de seu curso SFPP, oferecido anualmente pela Escola de Extensão da UNICAMP, a EXTECAMP, possibilita, aos professores-extensionistas, um contato com uma metodologia utilizada no contexto da investigação em sintaxe teórica, baseada sobretudo em JGs, conforme discutido acima. Uma vez apresentada essa metodologia aos professores extensionistas do curso SFPP – naturalmente no contexto da aplicação mesma de tal metodologia nas aulas de gramáticas –, as ações do LaCaSa, através do SFPP, têm, sem sobra de dúvidas, implicações para o contexto da extensão. Sendo os pilares da universidade pública brasileira o ensino, a pesquisa e a extensão, desenvolvê-los de maneira integrada e harmoniosa – tendo como eixo condutor a metodologia utilizada na pesquisa – é uma estratégia interessante. Cientes disso, os membros do LaCaSa temos partido da metodologia utilizada na pesquisa que desenvolvemos para integrar, conforme argumentado no decorrer do artigo, as atividades de ensino e extensão às de pesquisa. Tal metodologia apresentada aos professores-extensionistas pode ter um impacto considerável nas aulas de gramática no ensino regular.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho mostrou como as três atividades basilares da universidade brasileira – o ensino, a pesquisa e a extensão – podem ser harmoniosamente trabalhadas com base na metodologia utilizada na pesquisa. Estendemos a metodologia da análise gerativa ao nosso curso de formação continuada, o SFPP, oferecido pela EXTECAMP, com vistas a sugerir que tal metodologia – que faz uso da “intuição” do professor e dos alunos –, seja utilizada, pelo professor extensionista, em suas aulas na EB.

O corolário da integração das atividades extensionistas – e das de ensino – com as atividades de pesquisa por meio da metodologia própria de investigação é, para as atividades de nosso laboratório, uma harmonização dessas três atividades em torno do ferramental de pesquisa de seus membros, e, para a comunidade servida pelo nosso curso de extensão, o acesso a uma metodologia de análise linguística que pode facilmente ser implementada na EB nas aulas de gramática.

REFERÊNCIAS

Azeredo, J. C. (2007). *Ensino de português*. Rio de Janeiro: Zahar.

Bortoni-Ricardo, S. M. (2008). *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola.

Brasil. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF.

Brasil. (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação.

Chomsky, N. (1957). *Syntactic structures*. La Haya: Mouton.

Chomsky, N. (1994). *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Lisboa: Caminho.

Ilari, R. (s.d.). *Linguística e ensino da língua portuguesa como língua materna*. Disponível em: <https://museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/ENSINO-COMO-LINGUA-MATERNA.pdf>

Moro, A. (2017). *A brief history of the verb 'to be'*. Cambridge, MA: The MIT Press.

Perigrino, M. (2020). *Os advérbios no ensino de língua portuguesa: livros didáticos, metodologia gerativa e teoria da gramática*. Dissertação (Mestrado em Linguística), UNICAMP.

Pires de Oliveira, R. (2010). A linguística sem Chomsky e o método negativo. *ReVEL*, 14(8), 1-19.

Pires de Oliveira, R., & Quarezemin, S. (2016). “Gramáticas: rota alternativa para as aulas de português” In: Pires de Oliveira, R., & Quarezemin, S. *Gramáticas na escola*. Petrópolis: Vozes, 21-41.

Tescari Neto, A. (2020). *A vez da metalinguagem: por uma “análise sintática crítica” na educação básica*. Manuscrito: UNICAMP.

Tescari Neto, A. (2018). Análise linguística na educação básica com ambiguidade. In: Nascimento, L.; Clemente de Souza, T. C. (Org.) *Gramática(s) E Discurso(s): ensaios críticos*. Campinas: Mercado de Letras, 173-206.

Tescari Neto, A. (2017). Constituição sintática, ambiguidade estrutural e aula de português: o lugar da teoria gramatical no ensino e na formação do professor. *Work. Pap. Linguíst.*, 18(2), 129-152.

Tescari Neto, A. (2015). *Categorias funcionais da oração no português do Brasil: articulando a pesquisa, o ensino e a extensão universitária*. Projeto de pesquisa apresentado ao Departamento de Linguística, IEL/UNICAMP para contratação em RDIDP.

Artigo submetido ao sistema de similaridade